

A crítica de Nietzsche à cultura de massa

RESUMO

Avaliando a contribuição nietzscheana ao desenrolar do debate sobre a cultura de massa, o artigo sublinha seus vários aspectos do ponto de vista histórico-valorativo, situando as idéias do autor no movimento de avanço da modernidade a partir de uma perspectiva dialética.

ABSTRACT

Reasoning about Nietzsche's contribution to the mass culture debate, this article aims to underscore his internal contradictions from both an historical and from a cultural point of view, in order to situate the philosopher's ideas about that subject vis-a-vis the advances of cultural modernity. The author adopts both a critical and a dialectical perspective in his reading of Nietzsche.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Nietzsche
- Modernidade (*Modernity*)
- Cultura de massas (*Mass culture*)

JUNTAMENTE COM KARL MARX, Friedrich Nietzsche pode ser lido como sendo o grande teórico e crítico da modernidade, que faz, para usar os termos do primeiro, uma “análise implacável de tudo que existe”.² As poderosas polêmicas levantadas por Nietzsche contra a religião, a moralidade e a filosofia misturam a análise mais crua, inspirada no Iluminismo, com uma vitalidade romântica, para atacar os aspectos da cultura moderna que contrariam a vida. Além disso, Nietzsche critica muitas das instituições e valores das sociedades modernas como sendo opressoras reais do corpo e de sua criatividade, uma vez que inibem o surgimento de indivíduos mais fortes e uma organização sociocultural mais vigorosa. Em suas avaliações da idade moderna, Nietzsche desenvolveu uma das primeiras críticas bem sustentadas da cultura de massa e da sociedade, do Estado e das arregimentações e organizações burocráticas, produzindo perspectivas que influenciaram profundamente tratados e estudos posteriores sobre a modernidade.

Ao mesmo tempo em que Nietzsche é o maior crítico da modernidade ele também ilustra seu espírito e seu ethos. Apesar de argumentar contra a democracia, o liberalismo e vários dos movimentos sociais progressistas, os ataques de Nietzsche são feitos, ao menos parcialmente, segundo um estilo inspirado na cultura e no Iluminismo modernos, negando as idéias existentes em nome de um futuro melhor. Apesar de seu fino gosto pelas culturas antigas, como a da Antigüidade Clássica, e da defesa de alguns valores pré-modernos, Nietzsche é muito moderno e orientado pelo presente, atacando tradições e clamando por uma *nova* sociedade e uma igualmente renovada cultura. Um ímpeto pela inovação, envolvendo a negação do antigo e a criação do novo, é a base do complexo e, por vezes,

Douglas Kellner¹

enigmático trabalho teórico de Nietzsche, que, no espírito da modernidade, afirma o desenvolvimento e a transcendência dos valores antigos como sendo crucial para a sociedade e a individualidade contemporâneas.

Nietzsche queria transcender a modernidade para uma forma superior de cultura e sociedade, que possibilitaria a existência de indivíduos mais fortes e completos. Ele acreditava que novos potenciais para a criatividade individual e para uma forma superior de cultura, possibilitada pelo surgimento da era moderna, estavam sendo atrofiados e suprimidos pelas atuais organizações sociopolíticas, fazendo necessárias mudanças socioculturais radicais. Isso, também, era, de algum modo, uma postura bastante moderna. Assim, apesar dos ataques à modernidade, Nietzsche exemplifica as características modernas da crítica, e do início ao fim de sua carreira atacou os ídolos espirituais perenes e contemporâneos, que ele via como sendo obstáculos para o livre pensar e viver.

Neste estudo, eu discutirei sobre a crítica da cultura de massas feita por Nietzsche no contexto de sua análise da modernidade e de suas perspectivas filosóficas mais gerais. Digo que Nietzsche desenvolveu uma das primeiras grandes críticas filosóficas da cultura de massas, que depois inspirou pensadores tanto da direita, como Heidegger e Junger, como de esquerda, como os membros da Escola de Frankfurt e Foucault. Nietzsche foi um dos primeiros a ver a cultura de massas como sendo uma instituição central para os processos de reprodução da sociedade moderna e, especialmente, como o que ele classificava como sendo a característica distintiva das sociedades modernas: a massificação e a erradicação da individualidade, ambas criadoras de sociedades uniformes – semelhantes a rebanhos – e mediocrizadas. Ele se tornou, dessa forma, a maior fonte das posteriores críticas da sociedade e da cultura de massas, que ele via como sendo a causa da decadência e do niilismo, pois minava a vita-

lidade cultural e prevenia a criação e disseminação de culturas genuínas e de indivíduos fortes.

O debate sobre a cultura de massas

Críticas da cultura de massas e da imprensa começaram a surgir no final do século 18. Estas críticas eram baseadas em reflexões sobre a vida e o lazer modernos, que começaram a aparecer no século XVI, durante o colapso do sistema feudal. O surgimento das revoluções industrial e democrática foi acompanhado pelo aparecimento da literatura popular, do jornalismo e da imprensa moderna, que alimentaram grandes debates sobre seus impactos e consequências. Pensadores como Montaigne e Pascal apontaram a necessidade de diversões ainda durante o século XVI, e escritores como Goethe começaram a criticar os entretenimentos banais oferecidos pela imprensa e pela cultura de massas, notando que eles serviam como grandes formas de escape da realidade social.

“Nós temos jornais para todas as horas do dia. Uma mente inteligente e ágil ainda pode acrescentar mais alguns. Desta forma, tudo o que todos fazem, querem, escrevem e até mesmo planejam é exposto publicamente. Alguém pode gozar ou sofrer, mas sempre para o entretenimento dos outros, e com grande rapidez isso é comunicado de casa a casa, de cidade a cidade, de império a império e, finalmente, de continente a continente.”³

Goethe argumentou que a imprensa constituía um desperdício de tempo, no qual os leitores “gastavam os dias e as vidas sem fazer previsões para o futuro, sem criar nada”. Ainda antecipando Nietzsche, ele criticou as formas pelas quais o entretenimento moderno e a imprensa promoviam a passividade e o conformismo, anotando em um pequeno verso como a imprensa é

impulsiva ao encher os leitores de informações, e relapsa no que tange a idéias discor-dantes:

“Deixemos que tudo seja impresso
e que com tudo nos ocupemos.
Mas que ninguém incomode
quem não pensa como todo o mundo.”⁴

Outros, porém, tinham avaliações mais otimistas quanto ao impacto dos meios de comunicação de massa, especialmente a imprensa. Karl Marx, por exemplo, tinha a imprensa em alta conta, principalmente pela promoção da democracia e da liberdade civis. Em 1842 ele escreveu:

“A imprensa livre é o olhar onipoten-te do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o vínculo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais, e idealiza suas formas brutas. É a franca confissão do povo a si mesmo, e sabemos que o poder da confissão é o de redimir. A imprensa livre é o espelho intelectual no qual o povo se vê, e a visão de si mesmo é a primeira condição da sabedoria. É a mente do Estado que pode ser vendida em cada rancho, mais barata que gás natural. É universal, onipresente, onisciente. É o mundo ideal que flui constantemente do real e transborda dele cada vez mais rico e animado.”⁵

Assim, em meados de 1840, a imprensa era um campo de batalha para discussões, com fervorosos defensores e críticos. Alguns viam-na como sendo um instrumento de progresso e esclarecimento, enquanto outros a tinham como um veículo para a distração e a banalidade. Além disso, diferentes grupos políticos passaram a desenvolver suas próprias publicações, com o objetivo de moldar a opinião pública de diferentes formas. As críticas mais mordazes ao papel da imprensa partiram

de pensadores como Kierkegaard, que a via como um cão raivoso, que persegue as pessoas de uma forma vil, dissemina um “fantasma” e adultera a opinião pública.

A contribuição nietzscheana consistiu em estender a crítica à imprensa, feita por escritores anteriores, para uma crítica da cultura de massas e da sociedade como um todo. Através de seus trabalhos, Nietzsche via a cultura como o elemento central da vida humana e acreditava que culturas mais sadias e fortes poderiam criar indivíduos distintos, criativos e mais poderosos, ao passo que culturas fracas e fragmentadas criariam seres medíocres e inferiores. Sua crítica começa com seus primeiros textos, que contrastam a cultura grega – forte e saudável – com a sua cultura alemã, cada vez mais banal, e se estende até seus textos posteriores, nos quais ele contrasta suas próprias concepções de cultura e individualidade como os conceitos dominantes na Europa moderna.

A crítica da cultura de massas do jovem Nietzsche

Quando jovem, Nietzsche via a Grécia como modelo de cultura forte, saudável e orgânica, capaz de gerar indivíduos igualmente fortes e criativos. Em seu primeiro livro publicado, *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche contrasta a vibrante cultura dionisíaca, evidente na Grécia pré-socrática e nos primórdios da tragédia grega, com os versos apolíneos mais racionais, evidenciados na argumentação socrática e na tragédia grega mais madura. A cultura dionisíaca era eminentemente afirmadora da vida, expressava energias e paixões corporais e unia as pessoas através do compartilhamento do êxtase das experiências culturais, das intoxicações e das festas – fatores esses que, segundo acreditava Nietzsche, criavam os indivíduos fortes e saudáveis assim como uma cultura vigorosa.

Na visão de Nietzsche, a cultura so-crática era uma resposta à quebra e à frag-

mentação da cultura trágica grega, a qual ela tentou substituir por um conjunto comum de valores éticos homogêneos, normas teóricas e procedimentos metodológicos, todos baseados na lógica e raciocínio socráticos. Para ele, a razão de ser desses valores era a substituição dos belicosos deuses da Grécia por uma cultura racional mais unificada. De certa forma, a cultura socrática promoveu, assim, uma cura para uma emergência cultural com o racionalismo extremo. Apareceram para refrear a força e os impulsos que tinham sido liberados, e que Sócrates e Platão acreditavam fora de controle. O resultado foi uma equação de razão, conhecimento e virtude que fez da razão o instrumento de condução à verdade e à moralidade.⁷

Assim, a cultura socrática revisou aquilo que Nietzsche via como sendo a visão pré-socrática do sofrimento, profunda e trágica, e propôs a redenção através da cultura pelo otimismo, que defendia a razão como sendo a descobridora da verdade e a criadora do bem viver. Para Nietzsche, o triunfo do homem teórico socrático criou as origens do racionalismo moderno e do otimismo iluminista, possibilitando o avanço rumo ao Esclarecimento. A tal triunfo se contrapôs o pessimismo trágico. Schopenhauer e Wagner, seus primeiros mentores, entendiam, de fato, que a grande filosofia e a arte seriam as mestras e redentoras da humanidade, os instrumentos de culturas fortes e sadias.⁸

Através de sua obra, Nietzsche viu a cultura socrática como sendo a força formadora do período moderno, incluindo seus resultados negadores da vida (ver exemplo, *Crepúsculo dos Ídolos*, “Sócrates”). Sócrates, para Nietzsche, foi um símbolo de decadência, de atrofia dos instintos elementares da vida, que veio a dominar o corpo e as paixões humanas, constituindo um processo que se intensificou com o passar dos séculos e que Nietzsche viu como sendo formador da Era Moderna.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche defendeu a música de Richard Wagner

como um revitalizante cultural em potencial, que – ele esperava – poderia promover um renascimento da cultura alemã. Com Wagner ele teve uma profunda, embora conflituosa, amizade. De fato, Nietzsche tornou-se um freqüentador assíduo da casa de Wagner, em Tribschen, e um propagandista para a música dramática do maestro, que – ele esperava – poderia promover as bases para a nova cultura germânica. Perto do final de seu livro, Nietzsche descreve a degradação da arte contemporânea e como uma crítica cultural de baixo nível, “preparada pela educação e pelos jornais”, acabou por levar a uma inabilidade na apreciação da arte genuína:

“A tendência a empregar o teatro como uma instituição para a formação moral do povo, que no tempo de Schiller foi tomada a sério, já é contada entre as incríveis antigüidades de uma cultura superada. Enquanto a crítica chegava ao domínio no teatro e no concerto, o jornalista na escola, a imprensa na sociedade, a arte degenerava a ponto de se tornar um objeto de entretenimento da mais baixa espécie, e a crítica estética era utilizada como meio de aglutinação de uma sociabilidade vaidosa, dissipadora, egoísta e, ademais, miseravelmente despida de originalidade.”⁹

Nietzsche via assim a cultura de massas, perpetuada pela educação tanto quanto pelos jornais, como sendo, além de um corrosivo para a arte autêntica, criadora de uma cultura medíocre. Nietzsche esperava que ele mesmo criasse os fundamentos filosóficos para uma nova cultura, que revitalizaria a Alemanha, e realizou estudos sobre filosofia grega, que ele acreditava que poderia fornecer os elementos essenciais para a criação de uma cultura afirmadora da vida, possibilitando o surgimento do indivíduo superior.

Em 1873, contudo, Nietzsche deixou de lado suas meditações sobre a filosofia

grega e partiu para a empreitada de desenvolver suas próprias perspectivas filosóficas, passando a escrever uma série de críticas sobre a era moderna. Estudiosos de sua obra, geralmente, vêem esta mudança para a contemporaneidade como sendo uma tentativa para agradar Wagner, que era desdenhoso em relação a trabalhos puramente filológicos ou filosóficos, e como uma intervenção ativa na guerra cultural alemã daquele tempo.¹⁰ Embora subserviente ao projeto wagneriano de remodelação da cultura alemã contemporânea, somada ao desejo de Wagner de ver uma crítica publicada a seu inimigo Strauss, que o havia criticado anteriormente, possam ter influenciado as intenções imediatas de Nietzsche, a mudança para as “considerações intempestivas” foi um movimento decisivo de engajamento com a questão da cultura contemporânea, que estava se tornando, assim, um elemento central do emergente projeto filosófico de Nietzsche.

Nietzsche começou a escrever sobre um fenômeno central da atualidade numa série de *Considerações Intempestivas* que criticavam, no espírito do Iluminismo, figuras centrais e características da Alemanha e da era moderna, enquanto propunham idéias para a renovação cultural. O alvo da primeira *Intempestiva* foi o escritor alemão David Friedrich Strauss, autor de uma influente *A Vida de Jesus* e que, através de uma detalhada comparação dos relatos de Jesus nos Evangelhos, argumentava que o cristianismo era um mito que serviu às necessidades do povo da época. Nietzsche leu o desmitificante trabalho de Strauss aos vinte anos e ficou profundamente impressionado com sua crítica filológica.¹¹ Após prestar homenagens aos trabalhos anteriores de Strauss, Nietzsche, porém, de pronto criticou seus escritos mais recentes, que ele via como um exemplo do filistinismo que dominava a vida alemã desde sua unificação, após a vitória sobre a França, e que impediria o renascimento da genuína cultura que ele almejava (*Considerações Intempestivas*, # 2). Sobre o júbilo que se abateu na Alema-

nha depois da Guerra Franco-Prussiana, Nietzsche escreveu:

“Não se sente satisfação apenas, sente-se felicidade, embriaguez. Essa felicidade e embriaguez sentem-se na incrível suficiência dos jornalistas alemães, dos romancistas, dos autores de tragédias, de poesia e de história, porque formam um grupo coerente e parece terem jurado apoderar-se das horas que o homem moderno consagra ao divertimento e à digestão, à sua cultura. É nesses momentos que se procura abafá-lo com montanhas de papel impresso.

Para esse tipo de pessoas, depois da guerra tudo é felicidade, dignidade e satisfação profunda. Depois de tão importantes sucessos da cultura alemã sentem-se não apenas confirmados e reconhecidos mas quase consagrados, tomam um tom solene, multiplicam os apelos à nação alemã, editam as suas obras completas, como se faz para os clássicos, e proclamam nos jornais que eles são os novos clássicos alemães e escritores paradigmáticos.” (*Considerações Intempestivas* I, op. cit., p. 9)

Para Nietzsche, isso é um “abuso do sucesso” e ele tem esperança que, ao menos alguns alemães tomem a iniciativa de criticar “o pobre espetáculo encenado diante de seus olhos”. Nietzsche contesta o papel da “casta da educação” pela omissão à “cultura popular alemã” e por não examinar a falta de uma cultura vibrante e unificadora para a Alemanha. Strauss era para Nietzsche um exemplo do “filisteísmo cultural” que acreditava estar corroendo a cultura e a sociedade alemãs contemporâneas. Nietzsche estava especialmente inclinado a atestar que Strauss havia se investido da função de professor da natureza alemã, o escultor da próxima geração, o tutor da juventude. Para Nietzsche, isso era horrível de se contemplar: que tão banal filisteísmo

pudesse modelar o futuro alemão (*Considerações Intempestivas* I, 7).

Nietzsche viu a prevalência da cultura de massas como a fonte da degradação do pensamento e da cultura na Europa contemporânea. As idéias de Strauss “são todas uniformemente literárias, de fato, jornalísticas”.¹² A degradação da cultura resulta de uma cultura de massas que influencia na linguagem, no estilo, nas idéias em voga e julgamentos dominantes. No ponto de vista de Nietzsche:

“Em tudo o que o alemão lê quotidianamente há, sem dúvida, predomínio dos jornais e revistas que se assemelham. O alemão utilizado nessas publicações impõe-se ao ouvido do leitor como um cair incessante de cotas, que são outros tantos expressões e vocábulos sempre iguais. Como dedica a tal leitura, a maior parte das vezes, as horas em que o seu espírito fatigado não consegue reagir, vai-se acostumando pouco a pouco a esta linguagem, ao alemão de todos os dias, e é com dificuldade e só por necessidade que prescindir dele. Mas os fazedores de jornais estão, pelas suas ocupações, mais habituados do que qualquer outro ao caldo claro deste alemão jornalístico; o seu gosto obliterou-se e a sua língua só encontra prazer em formas completamente corruptas e arbitrarias. Assim se explica o *tutti unisono* com que se adota imediatamente, apesar do debilitamento e relaxamento geral, todas as recentes enormidades de linguagem. Estas insolentes corrupções da língua são outras tantas vinganças pelo incrível aborrecimento que essa linguagem acaba por provocar nos seus empreiteiros.” [...]

“Se se aceita como regra o estilo chato, usado, fraco, vulgar e, como exceção sedutora, o estilo nitidamente corrompido e mau, então o vigor, a raridade e a beleza caem em descrédito. Na Alemanha dos nossos dias re-

pete-se constantemente a história do turista bem proporcionado que, ao chegar ao país dos gordos, é imediatamente censurado pela sua pretensa deformidade e pela sua falta de gordura, até que, por fim, um padre decide protegê-lo e dirige-se ao povo nestes termos: ‘Lamentai este infeliz estrangeiro e ofereci aos deuses uma cerimônia de ação de graças pela soberba massa de carne com que adornou o vosso tronco’.” (*Considerações Intempestivas* 11, op. cit., p. 80-82)

Através de suas *Considerações*, Nietzsche alegou ser a cultura moderna “bárbara” (um amálgama sem forma de estilos, idéias e obras competidores e fragmentados) e atacou o racionalismo excessivo, o individualismo egoísta, o otimismo raso, a homogeneização e a fragmentação que ele via como sendo características da cultura moderna. Em *Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida*, Nietzsche argumenta que, com a proliferação dos estudos históricos, o homem moderno estava sendo paralisado e esmagado pelo conhecimento histórico (*Considerações Intempestivas* 2, “Prefácio”). Defende que: “Nós, modernos, não possuímos nada de próprio”, assimilando uma esmagadora quantidade de conhecimento, que não desencadeia um papel efetivamente transformador na vida social. Desta forma, a cultura moderna é essencialmente interior: no exterior, o encadernador inscreve qualquer coisa como *Manual da cultura interior para os homens exteriormente bárbaros*” (*Considerações Intempestivas* 2, op. cit., p. 136).

Acreditando que os indivíduos modernos sofriam de personalidades fracas, Nietzsche queria que o estudo da história fosse posto a serviço da criação de grandes personalidades e, assim, ajudasse a tornar possível o renascimento de uma cultura afirmadora da vida. Durante a década de 1870, Nietzsche estava ficando pois extremamente desapontado com o filisteísmo do Reich alemão e progressivamente, du-

rante a década seguinte, intensificou sua crítica à cultura burguesa alemã, a Wagner, a Bismarck, ao militarismo alemão e ao Reich. Ele se distanciou da sua busca por uma nova cultura alemã baseada nos dramas musicais de Wagner e publicou uma série de textos aforísticos que promoviam o esclarecimento intelectual da sociedade e a crítica social, começando com *Humano, Demasiado Humano*.

A crítica nietzscheana da atualidade

Para Nietzsche, a cultura de massa abrange a imprensa e outras formas culturais, das revistas às publicações eruditas, mais a religião, a política, a cerveja e o nacionalismo,¹³ Nietzsche viu a importância das tecnologias e modos de comunicação emergentes no desenvolvimento da modernidade: “A imprensa, a máquina, as linhas de trem, o telégrafo são premissas, cuja conclusão, em milhares de anos ninguém teve ainda a ousadia de desenhar”.¹⁴ Em seus escritos médios e tardios, a cultura de massa como um todo é o que produz a cultura e os indivíduos medíocres. A religião, por exemplo, era uma forma de cultura de massa para ele. Embora Nietzsche algumas vezes seja acusado de ser um irracionalista, seu ataque ao cristianismo se deve exatamente ao irracionalismo deste último, que vitima o corpo e o mundo. Jesus Cristo, ele clamou, promoveu a estupidez do homem, colocou-se ao lado dos pobres de espírito e atrasou a produção do supremo *intelecto* (*Humano, demasiado humano* II: “O viajante e sua sombra”, parágrafo 81, p. 112). Nietzsche também dissecou a transvaloração de valores do cristianismo, que tornou maus o poder e sabedoria, enquanto afirmava que a inferioridade, a humilhação e a submissão eram algo bom. Ele acreditava que a promoção dessa moral de escravos valorizava excessivamente o espírito em relação ao corpo, promovendo uma repressão generalizada da sociedade (*Genealogia da Moral*).

Também a política moderna é para

Nietzsche uma forma de cultura de massa. Nietzsche era “antipolítico” pois acreditava que a política de massa contemporânea levava ao conformismo do rebanho, à perda da individualidade e à manipulação e homogeneização das massas. Em *Assim Falou Zaratustra*, ele fez uma das primeiras críticas do Estado moderno, chamando-o de *O Novo Ídolo*. Ele apresenta-o como “um monstro frio”, que é a “morte das pessoas”! O contraste, então, é entre as “pessoas”, com suas tradições, “costumes e direitos”, e o Estado moderno, com suas mentiras e pretensões, que se difundem através da imprensa e da cultura de massa. No *Zaratustra*, a crítica de Nietzsche ao Estado parte de uma posição individualista radical. Ele defende o retiro e isolamento perante a participação e o envolvimento com a sociedade de massas: “Mau cheiro exala o seu ídolo, o monstro frio... Quebrai os vidros das janelas e pulai para o ar livre!”¹⁵

A crítica nietzscheana ao Estado está intimamente associada a sua crítica à cultura e à sociedade de massas, que ele vê como homogeneizadoras e nocivas às energias vitais, à criatividade e à individualidade superior.

Nietzsche pensava que a democracia moderna, o liberalismo e os movimentos sociais iluministas contribuíram para a regressão do “homem moderno” para um estágio aquém daquele alcançado pelos indivíduos poderosos e possuidores de maior vitalidade do Renascimento. Defendendo de maneira consistente a Grécia Antiga e a Renascença Italiana como paradigmas de culturas vigorosas, a estratégia do filósofo foi escolher ideais do passado que poderiam servir de modelos ou normas para um futuro “grandioso”. As culturas grega e renascentista afirmavam o corpo, foram seculares, desenvolveram a ciência e a tecnologia, foram altamente estéticas e produziram em indivíduos fortes – todos os ideais de Nietzsche. Estes protótipos, ele acreditava, concentravam-se em indivíduos fortes, como Julio Cesar, Cesar Borgia e os grandes homens da Renascença. Os contrastes

normativos de sua obra baseiam-se na distinção entre doença e saúde, entre descendência e ascendência da vida. Seus textos celebram a afirmação das energias vitais e criticam tudo o que inibe e suprime a plena expressão dos instintos primários. Seu ataque à religião, moralidade, cultura de massa e banalidade das sociedades modernas é, assim, desencadeado a partir do ponto de vista ideal de um fluxo de energias vitais livre e desinibido, do ponto de vista da expressão desenfreada dos poderes instintivos.

De forma semelhante, ele argumenta que os movimentos democrático, liberal, feminista, anarquista e socialista são expressões do declínio da vida, da doença e do ressentimento. Todos eles são manifestações da cultura socrática, que privilegia a razão em detrimento da paixão, as idéias sobre a vida; todos são também manifestações das modernas tendências à homogeneização e, portanto, contra a vida, ajudando a produzir indivíduos e culturas enfraquecidos. Em oposição à tolerância da cultura liberal, Nietzsche advogou em favor de uma guerra cultural, que ele acreditava poder gerar diversidade cultural, além de culturas e indivíduos mais fortes e criativos.

Embora o ataque de Nietzsche ao liberalismo e outros movimentos sociais progressistas contenha atitudes elitistas e anti-democráticas, também podemos encontrar idéias positivas em seus escritos, como ocorre quando ele apresenta a democratização da Europa como algo irresistível e “um elo na corrente dessas tremendas medidas profiláticas que formam a concepção da modernidade e através das quais nós nos separamos da Idade Média” (*Humano, demasiado humano* 2, op. cit., párr. 275, p. 376). Além disso, sustentou, as “instituições democráticas servem de campo de quarentena para combater uma antiga pestilência, o desejo pela tirania: como tais elas são muito úteis e muito tediosas” (Idem, *ibidem*, par. 289, p. 383). Passagens como essas indicam a dualidade de Nietzsche para com a democracia de modo bastante claro: por

um lado ela é útil como contraforça à tirania, mas em compensação é aborrecedora e promove a mediocridade. Em seus escritos do final dos anos 1880, Nietzsche, todavia, pôs de lado os aspectos positivos da democracia e [a partir de então] sua postura será predominantemente negativa.

Nietzsche atacou, pois, tanto o Estado moderno quanto a sociedade de massa devido às suas tendências à normalização e homogeneização, associando-se nisso à Escola de Frankfurt e a teóricos franceses como Foucault. Para Nietzsche, o Estado e cultura de massa eram inimigos da cultura. Ele viu o Estado moderno e a sociedade de massa produzindo mediocridade e retrocesso cultural, tanto quanto gerando histeria em massa, como ocorre no nacionalismo e no anti-semitismo. O Estado moderno, a sociedade de massas, as hierarquias de valor e os níveis de status cultural reduziram o gosto e os ideais modernos ao mais baixo denominador comum, produzindo indivíduos medíocres.

Conclusão das observações críticas

Nietzsche foi geralmente pessimista sobre o impacto dos processos sociais modernos. Na maior parte, ele sentiu que a sociedade e cultura moderna se tornaram muito caóticas, fragmentadas, “arbitrárias” e sem “força criativa”, a ponto delas perderem os recursos para criar uma cultura vital e, por isso, favoreceram o declínio da espécie humana. Ele pensava especialmente que a imprensa e a cultura de massa eram forças degenerativas e medíocres, ao focar sua atenção no trivial, no supérfluo e no sensacional, e ao criar a homogeneização e conformidade. Entretanto, ele não desenvolveu críticas sistemáticas sobre a imprensa ou formas específicas de cultura de massa, se excetuarmos, talvez, sua crítica a Strauss e o filisteísmo cultural, ou a Wagner e o wagnerismo, no qual ele chegou a ver uma exibição de cultura de massa degradada e de mau gosto. Conseqüentemente, ele não de-

envolveu uma crítica institucional da mídia ou das indústrias de cultura, como fizeram Adorno e Horkheimer,¹⁶ ou críticas detalhadas dos fenômenos de cultura de massa, como o fazem hoje as análises pertencentes ao campo dos estudos culturais críticos.

Além disso, Nietzsche foi radical e totalizador em suas críticas de cultura de massa: ele não viu momentos progressivos, exceto talvez na ópera ligeira, que expressava a *joi de vivre* e a alegria que ele aprovava. Para Nietzsche, a cultura consistia, fundamentalmente, em uma “hierarquia” (Rankordnung), capaz de estabelecer valores altos e baixos. Destarte, ele clamou por uma reavaliação dos valores, uma virada (*Umwertung*) nos mais altos valores e no estabelecimento de valores superiores capazes de promover indivíduos mais fortes e uma cultura mais vital. Seu “Übermensch”, portanto, é um indivíduo superior que ultrapassa os valores decadentes da cultura de massa e que se habilita a criar valores afirmativos da vida e uma cultura mais forte e afirmadora da vida.

Desenvolver uma individualidade superior requer, porém, a superação das formas dominantes de cultura e conformismo, contrapor o indivíduo à cultura e à sociedade de massa. Nietzsche acreditava que alguns indivíduos poderiam exercer sua vontade de poder no sentido da criação de eus mais refinados e superiores e, em última instância, defendeu uma forma de individualismo e esteticismo aristocrático. Fazendo uma distinção implícita entre arte baixa e elevada, Nietzsche argüiu que a arte autêntica permite “pairar livremente acima das coisas” e das exigências da moral e de outras instituições repressivas:

“Necessitamos de toda a arte petulante, flutuante, dançante, trocista, infantil e contente para não perder essa liberdade que nos coloca acima das coisas e que o nosso ideal exige de nós.[...] é preciso que possamos nos sobrepor à moral e não somente que a

inquieta rigidez daquele que receia a cada instante dar um passo em falso e cair, mas com a vontade de alguém que pode planar e brincar sobre ela. Como [pois] poderíamos nesse campo dispensar a arte e o louco?”¹⁷

A arte autêntica foi privilegiada por Nietzsche precisamente porque ela cultivava os sentidos, a imaginação e outros aspectos da mente e do corpo, permitindo aos indivíduos entrarem em um domínio que transcendia a moralidade convencional e as normas sociais. Nietzsche defendeu a arte como a mais poderosa inimiga do ideal ascético e como a última fonte da vitalidade cultural. A crise na cultura moderna está parcialmente enraizada no fato de que as sensibilidades estéticas têm sido violentadas pelas forças repressivas da racionalidade instrumental, racionalização social e da sociedade e cultura de massa. Conseqüentemente, a arte tem sido confinada nas margens da sociedade. Para Nietzsche, ao contrário, estas forças racionalizadoras devem ser contidas por valores estéticos fundamentados. Espíritos livres seriam necessários àqueles que quiserem fazer experimentos com a arte, as idéias e a vida, assim como para aqueles que quiserem criar novos valores e uma cultura superior capaz de produzir seres humanos mais evoluídos.

Em última instância, Nietzsche desejava uma cultura afirmadora da vida, capaz de criar indivíduos superiores. Ele é um revolucionário cultural, que procura por uma cultura saudável e vibrante e acredita que a cultura é o modo mais poderoso de transformação individual e social. Sua crítica da cultura de massa é movida, em parte, pela convicção de que ela representa a degeneração da cultura, de que ela é uma forma degradada do modo de existência que supostamente pode produzir seres humanos melhores, mais saudáveis e mais evoluídos. Assim, Nietzsche afirma resolutamente uma distinção normativa entre culturas alta e baixa, sendo um elitista cultural

descarado.

Como meus comentários paralelos têm sugerido, Nietzsche provavelmente ficaria espantado com o estado de degradação da cultura contemporânea, mas, ao mesmo tempo, como seus impulsos pessoais contribuíram para o surgimento de estudos radicais que, hoje em dia, realizam um assalto sistemático à cultura contemporânea como um todo – [ainda que] frequentemente mediados com motivos marxistas, feministas ou pós-estruturalistas.

A crítica negativa de Nietzsche atrevida e colide com a virada populista dos estudos culturais, na qual se afirma e se celebra a cultura popular. No todo, sua crítica cultural é dialética, afirmando o que ele considera fortalecedor da vida e criticando o que ele acredita ser a negação e o enfraquecimento da vida. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche escreveu: “Fórmula de minha felicidade: um sim, um não, uma linha reta, um objetivo alcançado”.¹⁸ Por isso Lyotard entende mal quando clama que Nietzsche é fundamentalmente um pensador afirmativo, ataca a concepção de filosofia proto-nietzscheana de Adorno como negação e ele mesmo defende uma “economia libidinal”¹⁹ puramente positiva e afirmativa. Para dizer a verdade, Nietzsche não é apenas um negador: ele sempre faz seu *não!* ser acompanhado de um *Sim!* Portanto, não se trata de contrapor um Nietzsche negativo contra um Nietzsche afirmativo, mas antes de observar a relação dialética de ambos, vendo como os “sim” e os “não” sempre e necessariamente suplementam-se no pensamento de Nietzsche.

No meu modo de ver e para concluir, a crítica negativa e radical de Nietzsche à cultura de massa é valiosa e certamente encontraria um grande número de alvos hoje em dia. Mas eu defenderia contra Nietzsche uma ótica mais dialética, que vê no que eu chamo de cultura da mídia um terreno disputado, um local de lutas sociais, que contém aspectos reacionários e progressistas, afirmadores tanto quanto opressivos em relação à vida. Destarte, uma teoria crítica

da cultura da mídia seria tão implacavelmente negativa quanto a de Nietzsche, mas também saberia afirmar seus momentos democráticos, subversivos e de crítica social. Sua política cultural não seria apenas para os indivíduos superiores mas tentaria desenvolver uma pedagogia cultural capaz de atacar todas as formas de opressão e dominação, com o objetivo de produzir uma sociedade e uma cultura mais democráticas, justas e pedagógicas •

Notas

- 1 Professor de Ciência Social e Filosofia da Educação da Escola de Educação e Ciências da Informação da University of California (EUA). Entre seus livros mais recentes na área dos estudos culturais críticos contam-se *Television and the crisis of democracy* (Boulder: Westview Press, 1990), *The Persian Tv Gulf War* (Boulder: Westview press, 1992) *Media Culture* (Londres: Routledge, 1995) e *The Postmodern Turn* (Nova York: Guilford Press, 1997). Tradução de Tiago Aguiar e Matias Sperb. Coordenação e revisão de Francisco Rüdiger.
- 2 O presente estudo baseia-se em trabalho de colaboração com Robert Antonio, co-autor de um texto inédito sobre teorias da modernidade, e com Steven Best, co-autor de trabalhos sobre a teoria pós-moderna: estou em débito com estas colaborações em minha leitura de Nietzsche. Neste artigo, além disso, estou interpretando Nietzsche predominantemente como um teórico moderno, voltando-me para pontos cruciais da modernidade. Sobre a discussão de como Nietzsche antecipa a virada pós-moderna, veja Steven Best e Douglas Kellner, *The Postmodern Turn* (New York: Guilford Press, 1997).
- 3 Goethe, apud Leo Lowenthal: *Literatura, Popular Culture and Society* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1961, p.20).
- 4 Ibid.
- 5 Karl Mar: *Liberdade de Imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- 6 Sobre sua crítica da imprensa e opinião pública, veja Soren Kierkegaard, *Two Ages: The Age of Revolution and The Present Age* (Princeton: Princeton University Press, 1978) e *The Corsair Affair* (Princeton: Princeton University Press,

- 1982). Para comentários, veja Steven Best e Douglas Kellner “Modernity, Mass Society, and the Media: Reflections on The Corsair Affair”, em *International Kierkegaard Commentary: The Corsair Affair*, editado por Robert Perkins (Macon, Georgia: Mercer University Press, 1990) e Steve Best e Douglas Kellner: *The Postmodern Turn*, op.cit.
- 7 Friedrich Nietzsche: *O nascimento da tragédia* (São Paulo: Cia. das Letras, 1992) e *Crepúsculo dos ídolos* (São Paulo: Hemus, 1976). O Sócrates histórico, é claro, foi muito mais intuitivo, apaixonado, estético e erótico do que no modelo de Nietzsche, portanto sua concepção da cultura socrática deveria ser lida como um tipo-ideal, que cristaliza um tipo de racionalismo grego na figura de Sócrates, um racionalismo que Nietzsche acredita continuar a caracterizar a cultura moderna.
- 8 Veja as observações de Nietzsche sobre Schopenhauer e Wagner em *Considerações Intempestivas* (Trad. port. de Lemos de Azevedo: Lisboa, Presença, 1976). Sobre Nietzsche e Schopenhauer, veja Georg Simmel: *Schopenhauer e Nietzsche* (Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1991 [1907]). Foi sob a influência de Schopenhauer que Nietzsche pôde proclamar em *O nascimento da tragédia* que arte é a “atividade metafísica essencial” e que “só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente” (Trad. bras. de Jacó Guinsburg: São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 47).
- 9 Friedrich Nietzsche: *O nascimento da tragédia*, op. cit., pp. 135-136
- 10 Veja Herbert Golder, “Introduction” a *David Strauss: Crente e escritor*, em *Unmodern Observations*, (New Haven: Yale University Press, 1990, pp 3ff.).
- 11 Ronald Hayman: *Nietzsche: A Critical Life* (New York: Penguin Books, 1980, p.63). Quando publicado em 1865, o texto de Strauss influenciou enormemente os jovens hegelianos e intensificou a moderna crítica filológica e filosófica à religião, começada no Iluminismo e que culminou no próprio Nietzsche. Na verdade, os jovens hegelianos anteciparam a crítica de Nietzsche sobre a religião quando Bruno Bauer declarou que “Deus está morto”; Marx descreveu a religião como “o ópio do povo” e Feuerbach interpretou a religião como sendo a projeção deificante das qualidades humanas.
- 12 Nietzsche pretendia escrever uma crítica à religião, esco-
- la, imprensa, Estado, sociedade, ao Homem como Eu, Natureza, e sobre o caminho para a libertação como parte da série de “considerações inatuais”, depois das quatro que ele publicou. Apesar de ele nunca haver completado este projeto, reflexões sobre estes tópicos são encontradas ao longo de seus trabalhos aforísticos posteriores, como *Humano, demasiado humano*.
- 13 Veja, por exemplo, *Crepúsculo dos ídolos*, onde Nietzsche lamenta que a imprensa, a cerveja, a religião, a educação e o nacionalismo tenham estupidificado o povo alemão. Ele faz uma crítica similar em suas considerações sobre David Strauss (trad. port., op. cit., pp. 27-34).
- 14 Veja *Humano, demasiado humano - O viajante e sua sombra*, parágrafo 278 (Trad. inglesa: Cambridge [UK]: Cambridge University Press, 1986, p. 378).
- 15 Friedrich Nietzsche: *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 66, trad. de Mário da Silva).
- 16 Veja Max Horkheimer, e Theodor Adorno: *Dialética do Esclarecimento* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985).
- 17 Friedrich Nietzsche: *A Gaia Ciência* § 108. (São Paulo: Hemus, 1981 p.120, trad. De M. Pugliesi, E. Bini e N. Paula Lima).
- 18 Friedrich Nietzsche: *Crepúsculo dos ídolos* (São Paulo: Hemus, 1976, p. 15, trad. de E. Bini e M. Pugliese).
- 19 Jean-François Lyotard: *Economie libidinale* (Paris: Minuit, 1974).